

Economia Política e Estudos Culturais: discussão teórica e uma proposta de pesquisa para o futebol

Economía Política y Estudios Culturales: discusión teórica y una propuesta de investigación del fútbol

Political Economy and Cultural Studies: theoretical discussion and a motion for football study

Anderson David Gomes dos SANTOS

Professor da Unidade Santana do Ipanema/Campus Sertão da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Graduado em Comunicação Social, jornalismo, pela UFAL, mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e membro do grupo de pesquisa Comunicação, Economia Política e Sociedade (CEPOS).

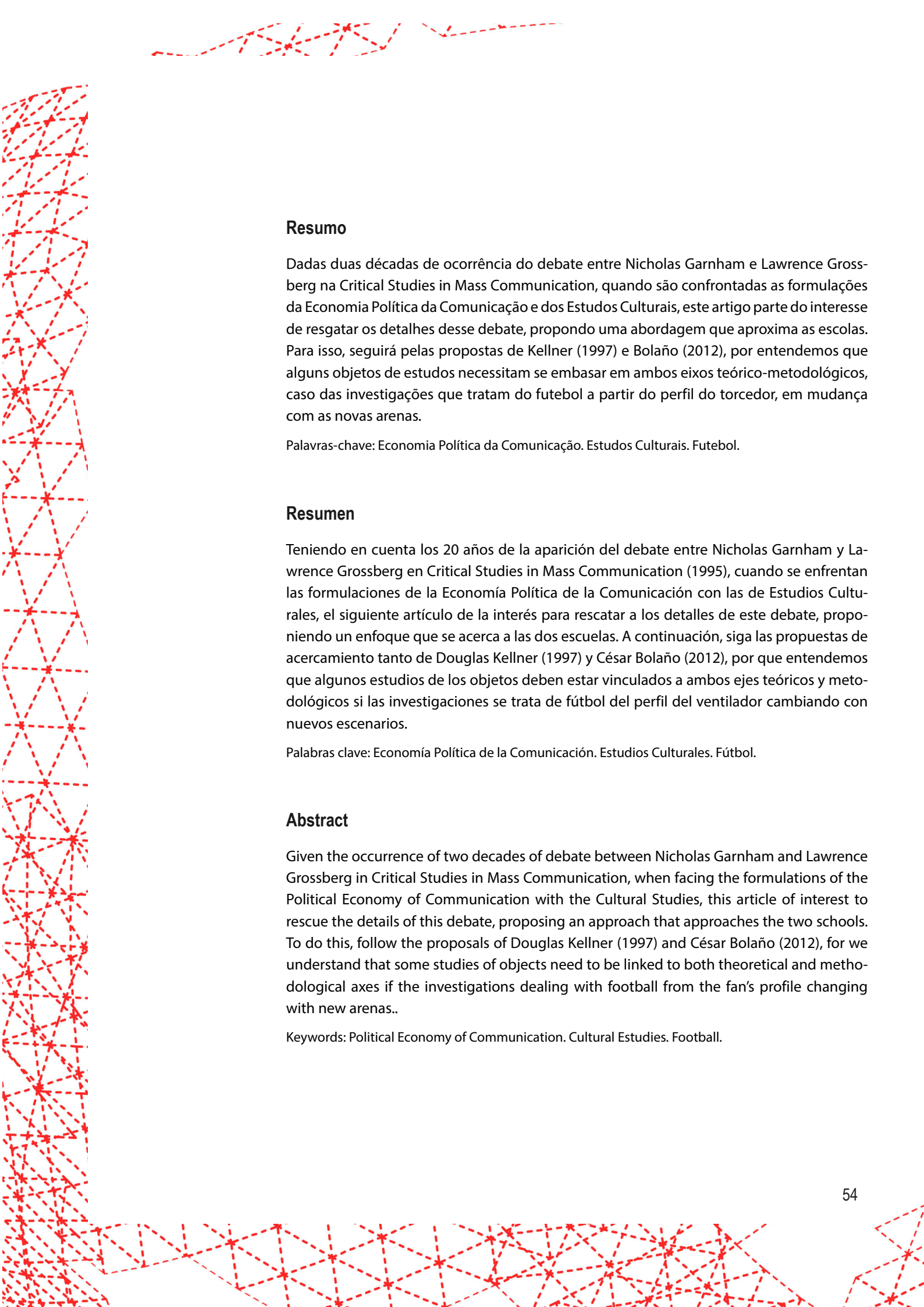
Contato: andderson.santos@gmail.com.

Irlan Simões da Cruz SANTOS

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e jornalista graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Sergipe

Contato: iirlansimoes@gmail.com

Autores convidados



Resumo

Dadas duas décadas de ocorrência do debate entre Nicholas Garnham e Lawrence Grossberg na *Critical Studies in Mass Communication*, quando são confrontadas as formulações da Economia Política da Comunicação e dos Estudos Culturais, este artigo parte do interesse de resgatar os detalhes desse debate, propondo uma abordagem que aproxima as escolas. Para isso, seguirá pelas propostas de Kellner (1997) e Bolaño (2012), por entendemos que alguns objetos de estudos necessitam se embasar em ambos eixos teórico-metodológicos, caso das investigações que tratam do futebol a partir do perfil do torcedor, em mudança com as novas arenas.

Palavras-chave: Economia Política da Comunicação. Estudos Culturais. Futebol.

Resumen

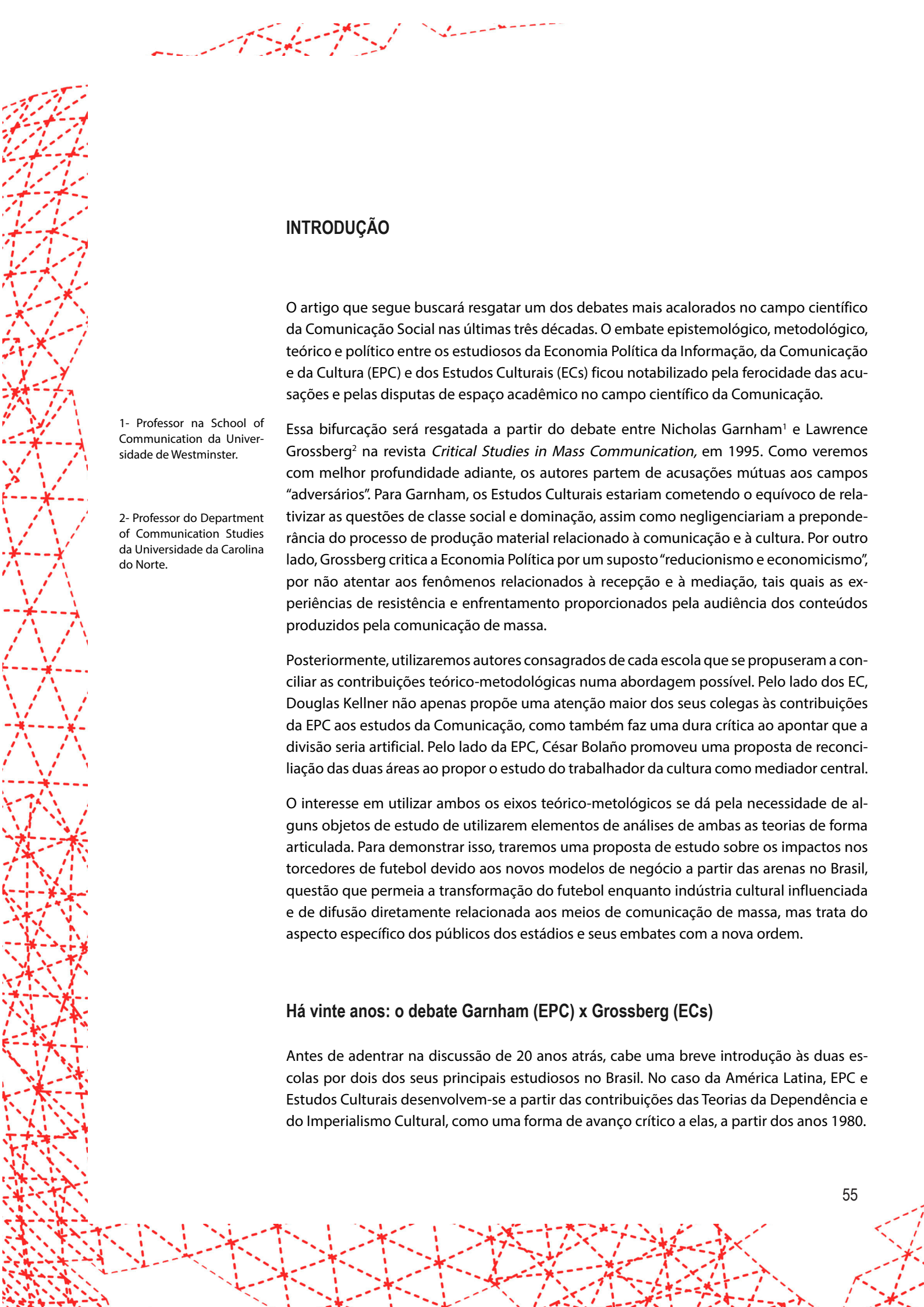
Teniendo en cuenta los 20 años de la aparición del debate entre Nicholas Garnham y Lawrence Grossberg en *Critical Studies in Mass Communication* (1995), cuando se enfrentan las formulaciones de la Economía Política de la Comunicación con las de Estudios Culturales, el siguiente artículo de la interés para rescatar a los detalles de este debate, proponiendo un enfoque que se acerca a las dos escuelas. A continuación, siga las propuestas de acercamiento tanto de Douglas Kellner (1997) y César Bolaño (2012), por que entendemos que algunos estudios de los objetos deben estar vinculados a ambos ejes teóricos y metodológicos si las investigaciones se trata de fútbol del perfil del ventilador cambiando con nuevos escenarios.

Palabras clave: Economía Política de la Comunicación. Estudios Culturales. Fútbol.

Abstract

Given the occurrence of two decades of debate between Nicholas Garnham and Lawrence Grossberg in *Critical Studies in Mass Communication*, when facing the formulations of the Political Economy of Communication with the Cultural Studies, this article of interest to rescue the details of this debate, proposing an approach that approaches the two schools. To do this, follow the proposals of Douglas Kellner (1997) and César Bolaño (2012), for we understand that some studies of objects need to be linked to both theoretical and methodological axes if the investigations dealing with football from the fan's profile changing with new arenas..

Keywords: Political Economy of Communication. Cultural Estudios. Football.



INTRODUÇÃO

O artigo que segue buscará resgatar um dos debates mais acalorados no campo científico da Comunicação Social nas últimas três décadas. O embate epistemológico, metodológico, teórico e político entre os estudiosos da Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura (EPC) e dos Estudos Culturais (ECs) ficou notabilizado pela ferocidade das acusações e pelas disputas de espaço acadêmico no campo científico da Comunicação.

1- Professor na School of Communication da Universidade de Westminster.

2- Professor do Department of Communication Studies da Universidade da Carolina do Norte.

Essa bifurcação será resgatada a partir do debate entre Nicholas Garnham¹ e Lawrence Grossberg² na revista *Critical Studies in Mass Communication*, em 1995. Como veremos com melhor profundidade adiante, os autores partem de acusações mútuas aos campos “adversários”. Para Garnham, os Estudos Culturais estariam cometendo o equívoco de relativizar as questões de classe social e dominação, assim como negligenciariam a preponderância do processo de produção material relacionado à comunicação e à cultura. Por outro lado, Grossberg critica a Economia Política por um suposto “reducionismo e economicismo”, por não atentar aos fenômenos relacionados à recepção e à mediação, tais quais as experiências de resistência e enfrentamento proporcionados pela audiência dos conteúdos produzidos pela comunicação de massa.

Posteriormente, utilizaremos autores consagrados de cada escola que se propuseram a conciliar as contribuições teórico-metodológicas numa abordagem possível. Pelo lado dos EC, Douglas Kellner não apenas propõe uma atenção maior dos seus colegas às contribuições da EPC aos estudos da Comunicação, como também faz uma dura crítica ao apontar que a divisão seria artificial. Pelo lado da EPC, César Bolaño promoveu uma proposta de reconciliação das duas áreas ao propor o estudo do trabalhador da cultura como mediador central.

O interesse em utilizar ambos os eixos teórico-metodológicos se dá pela necessidade de alguns objetos de estudo de utilizarem elementos de análises de ambas as teorias de forma articulada. Para demonstrar isso, traremos uma proposta de estudo sobre os impactos nos torcedores de futebol devido aos novos modelos de negócio a partir das arenas no Brasil, questão que permeia a transformação do futebol enquanto indústria cultural influenciada e de difusão diretamente relacionada aos meios de comunicação de massa, mas trata do aspecto específico dos públicos dos estádios e seus embates com a nova ordem.

Há vinte anos: o debate Garnham (EPC) x Grossberg (ECs)

Antes de adentrar na discussão de 20 anos atrás, cabe uma breve introdução às duas escolas por dois dos seus principais estudiosos no Brasil. No caso da América Latina, EPC e Estudos Culturais desenvolvem-se a partir das contribuições das Teorias da Dependência e do Imperialismo Cultural, como uma forma de avanço crítico a elas, a partir dos anos 1980.

3- Professor do Departamento de Economia da Universidade Federal de Sergipe, é um dos principais nomes da Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura na América Latina.

Há diferentes apropriações do corpo teórico no subcontinente, com a EPC surgindo a partir de estudos de Bolaño nos anos 1980 que se propõem a desenvolver uma “teoria marxista da comunicação”; enquanto que os Estudos Culturais vão assumir a ida “dos meios às mediações” de Jesús-Martín Barbero e que irá avançar no subcampo que se denomina de “Estudos da recepção”, com Néstor García Canclini. Como afirma Bolaño³ (2014, p. 82-83):

No primeiro caso, trata-se de um “recurso crítico” a Marx (o que é o programa de todas as escolas da EPC em nível mundial) para esclarecer pontos nebulosos da perspectiva anterior, enquanto que no segundo, trata-se de uma crítica inicialmente influenciada por um certo marxismo, mas que em seguida abandonará essa perspectiva, considerada economicista, em favor do pensamento dito pós-moderno, redundando no relativismo e, paradoxalmente, em outro tipo de determinismo, mais grosseiro, tecnológico.

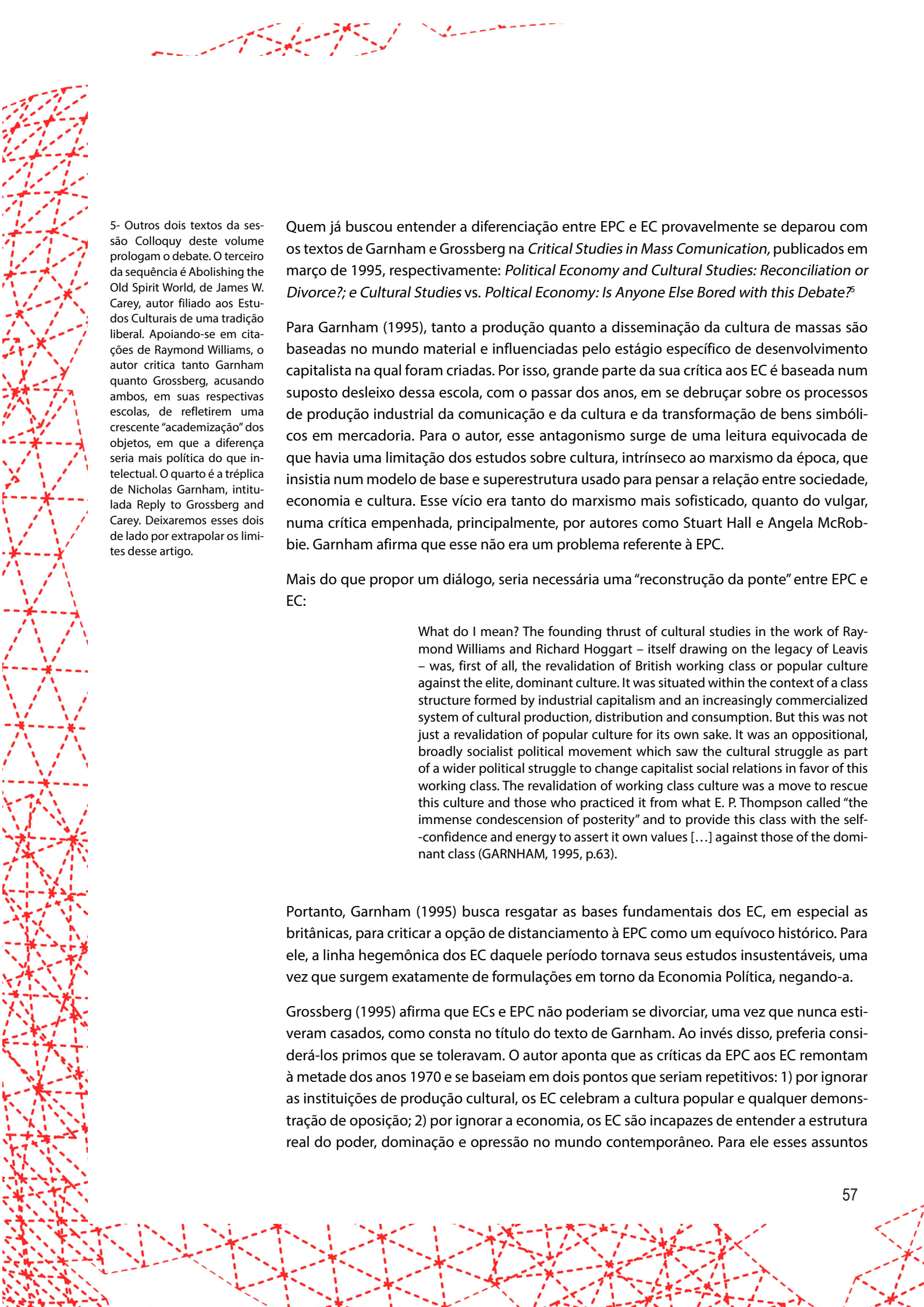
Sobre os primórdios da EPC, e sua entrada na América Latina e no Brasil, Bolaño(2014, p.82-83) assim definiu:

Em nível mundial, os fundadores são bem conhecidos: Baran e Sweezy, Dallas-Smythe e Herbert Schiller são os primeiros. Depois viriam as contribuições europeias e latino-americanas. [...] A América Latina constitui um caso muito particular, pois o pensamento crítico em Comunicação assumiu aqui inicialmente a forma de Teorias da Dependência e do Imperialismo Cultural. A EPC latino-americana surge nos anos 1980, em diálogo com essa tendência anterior e não com a EPC europeia ou mesmo a norte-americana. Os primeiros trabalhos foram os de Schmucler, colaborador de Mattelart (que tem um lugar a parte nessa história, pois representa a influência do pensamento latino-americano na formação da EPC europeia e francesa), e Eriberto Muraro, na Argentina, Patricia Arriaga, no México, Diego Portales, no Chile.

4- Professora da pós-graduação em Comunicação e Estudos Culturais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Sobre os Estudos Culturais, Escosteguy⁴ (2006) destaca que não há como afirmar que existe um corpo fixo de conceitos, uma vez que envolvem uma ampla variedade de escolas de diferentes localidades e contextos, cujas contribuições se deram em distintos pontos:

Os Estudos Culturais britânicos devem ser vistos tanto do ponto de vista político, na tentativa de constituição de um projeto político, quanto do ponto de vista teórico, isto é, com a intenção de construir um novo campo de estudos [...] Do ponto de vista político, são sinônimo de “correção política” [...], podendo ser identificados com a política cultural dos vários movimentos sociais da época de seu surgimento. Por essa razão, sua proposta original é considerada por alguns como mais política do que analítica. Pela perspectiva teórica, resultam da insatisfação com os limites de algumas disciplinas, propondo, então, a inter/trans ou, ainda para alguns, a antidisciplinaridade. Isto não impediu, entretanto, que em alguns lugares tenham se institucionalizado. Os Estudos Culturais não configuram uma “disciplina”, mas uma área onde diferentes disciplinas interatuam, visando ao estudo de aspectos culturais da sociedade. Tal área, segundo um coletivo de pesquisadores do Centro de Birmingham que atuou, principalmente, nos anos 70, não se constitui numa nova disciplina, mas resulta da insatisfação com algumas disciplinas e seus próprios limites [...]. É um campo de estudos em que diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea, constituindo um trabalho historicamente determinado (ESCOSTEGUY, 2006, p. 162).



5- Outros dois textos da sessão Colloquy deste volume prologam o debate. O terceiro da sequência é *Abolishing the Old Spirit World*, de James W. Carey, autor filiado aos Estudos Culturais de uma tradição liberal. Apoiando-se em citações de Raymond Williams, o autor critica tanto Garnham quanto Grossberg, acusando ambos, em suas respectivas escolas, de refletirem uma crescente “academização” dos objetos, em que a diferença seria mais política do que intelectual. O quarto é a tréplica de Nicholas Garnham, intitulada *Reply to Grossberg and Carey*. Deixaremos esses dois de lado por extrapolar os limites desse artigo.

Quem já buscou entender a diferenciação entre EPC e EC provavelmente se deparou com os textos de Garnham e Grossberg na *Critical Studies in Mass Communication*, publicados em março de 1995, respectivamente: *Political Economy and Cultural Studies: Reconciliation or Divorce?*; e *Cultural Studies vs. Political Economy: Is Anyone Else Bored with this Debate?*⁵

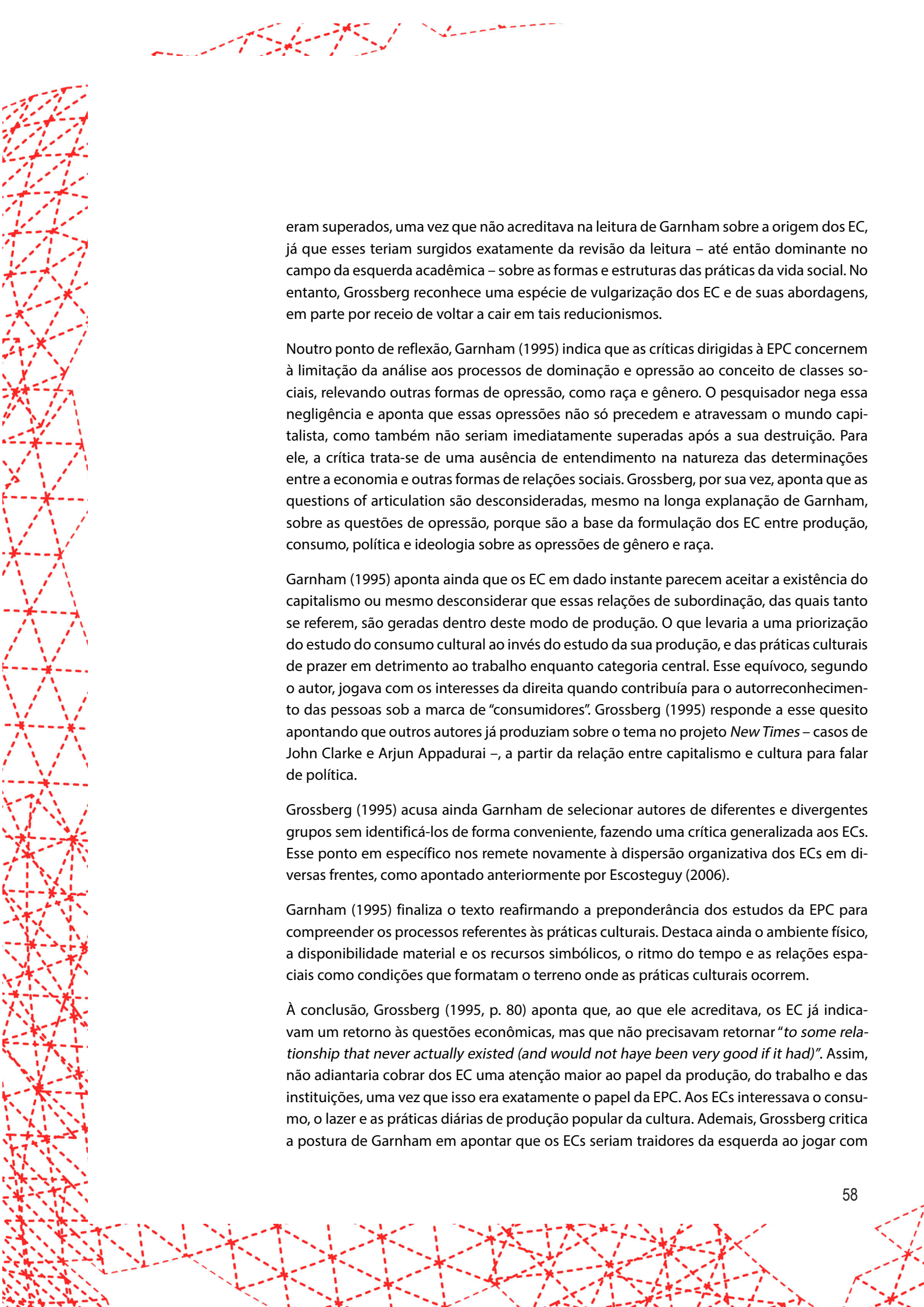
Para Garnham (1995), tanto a produção quanto a disseminação da cultura de massas são baseadas no mundo material e influenciadas pelo estágio específico de desenvolvimento capitalista na qual foram criadas. Por isso, grande parte da sua crítica aos EC é baseada num suposto desleixo dessa escola, com o passar dos anos, em se debruçar sobre os processos de produção industrial da comunicação e da cultura e da transformação de bens simbólicos em mercadoria. Para o autor, esse antagonismo surge de uma leitura equivocada de que havia uma limitação dos estudos sobre cultura, intrínseco ao marxismo da época, que insistia num modelo de base e superestrutura usado para pensar a relação entre sociedade, economia e cultura. Esse vício era tanto do marxismo mais sofisticado, quanto do vulgar, numa crítica empenhada, principalmente, por autores como Stuart Hall e Angela McRobbie. Garnham afirma que esse não era um problema referente à EPC.

Mais do que propor um diálogo, seria necessária uma “reconstrução da ponte” entre EPC e EC:

What do I mean? The founding thrust of cultural studies in the work of Raymond Williams and Richard Hoggart – itself drawing on the legacy of Leavis – was, first of all, the revalidation of British working class or popular culture against the elite, dominant culture. It was situated within the context of a class structure formed by industrial capitalism and an increasingly commercialized system of cultural production, distribution and consumption. But this was not just a revalidation of popular culture for its own sake. It was an oppositional, broadly socialist political movement which saw the cultural struggle as part of a wider political struggle to change capitalist social relations in favor of this working class. The revalidation of working class culture was a move to rescue this culture and those who practiced it from what E. P. Thompson called “the immense condescension of posterity” and to provide this class with the self-confidence and energy to assert its own values [...] against those of the dominant class (GARNHAM, 1995, p.63).

Portanto, Garnham (1995) busca resgatar as bases fundamentais dos EC, em especial as britânicas, para criticar a opção de distanciamento à EPC como um equívoco histórico. Para ele, a linha hegemônica dos EC daquele período tornava seus estudos insustentáveis, uma vez que surgem exatamente de formulações em torno da Economia Política, negando-a.

Grossberg (1995) afirma que ECs e EPC não poderiam se divorciar, uma vez que nunca estiveram casados, como consta no título do texto de Garnham. Ao invés disso, preferia considerá-los primos que se toleravam. O autor aponta que as críticas da EPC aos EC remontam à metade dos anos 1970 e se baseiam em dois pontos que seriam repetitivos: 1) por ignorar as instituições de produção cultural, os EC celebram a cultura popular e qualquer demonstração de oposição; 2) por ignorar a economia, os EC são incapazes de entender a estrutura real do poder, dominação e opressão no mundo contemporâneo. Para ele esses assuntos



eram superados, uma vez que não acreditava na leitura de Garnham sobre a origem dos EC, já que esses teriam surgido exatamente da revisão da leitura – até então dominante no campo da esquerda acadêmica – sobre as formas e estruturas das práticas da vida social. No entanto, Grossberg reconhece uma espécie de vulgarização dos EC e de suas abordagens, em parte por receio de voltar a cair em tais reducionismos.

Noutro ponto de reflexão, Garnham (1995) indica que as críticas dirigidas à EPC concernem à limitação da análise aos processos de dominação e opressão ao conceito de classes sociais, relevando outras formas de opressão, como raça e gênero. O pesquisador nega essa negligência e aponta que essas opressões não só precedem e atravessam o mundo capitalista, como também não seriam imediatamente superadas após a sua destruição. Para ele, a crítica trata-se de uma ausência de entendimento na natureza das determinações entre a economia e outras formas de relações sociais. Grossberg, por sua vez, aponta que as *questions of articulation* são desconsideradas, mesmo na longa explanação de Garnham, sobre as questões de opressão, porque são a base da formulação dos EC entre produção, consumo, política e ideologia sobre as opressões de gênero e raça.

Garnham (1995) aponta ainda que os EC em dado instante parecem aceitar a existência do capitalismo ou mesmo desconsiderar que essas relações de subordinação, das quais tanto se referem, são geradas dentro deste modo de produção. O que levaria a uma priorização do estudo do consumo cultural ao invés do estudo da sua produção, e das práticas culturais de prazer em detrimento ao trabalho enquanto categoria central. Esse equívoco, segundo o autor, jogava com os interesses da direita quando contribuía para o autorreconhecimento das pessoas sob a marca de “consumidores”. Grossberg (1995) responde a esse quesito apontando que outros autores já produziam sobre o tema no projeto *New Times* – casos de John Clarke e Arjun Appadurai –, a partir da relação entre capitalismo e cultura para falar de política.

Grossberg (1995) acusa ainda Garnham de selecionar autores de diferentes e divergentes grupos sem identificá-los de forma conveniente, fazendo uma crítica generalizada aos ECs. Esse ponto em específico nos remete novamente à dispersão organizativa dos ECs em diversas frentes, como apontado anteriormente por Escosteguy (2006).

Garnham (1995) finaliza o texto reafirmando a preponderância dos estudos da EPC para compreender os processos referentes às práticas culturais. Destaca ainda o ambiente físico, a disponibilidade material e os recursos simbólicos, o ritmo do tempo e as relações espaciais como condições que formatam o terreno onde as práticas culturais ocorrem.

À conclusão, Grossberg (1995, p. 80) aponta que, ao que ele acreditava, os EC já indicavam um retorno às questões econômicas, mas que não precisavam retornar “*to some relationship that never actually existed (and would not have been very good if it had)*”. Assim, não adiantaria cobrar dos EC uma atenção maior ao papel da produção, do trabalho e das instituições, uma vez que isso era exatamente o papel da EPC. Aos ECs interessava o consumo, o lazer e as práticas diárias de produção popular da cultura. Ademais, Grossberg critica a postura de Garnham em apontar que os ECs seriam traidores da esquerda ao jogar com

a direita.

Num rápido resumo desse debate as escolas se dividem pelos seus fins: enquanto a EPC busca entender os sistemas de dominação; os EC tentam entender como a dominação é vivida e poderia ser contestada.

Uma possibilidade de unidade do pensamento crítico comunicacional

Tendo em vista a difusão das teorias pós-modernas nos estudos das Ciências Humanas e Sociais especialmente a partir dos anos 1980, que vem acompanhada de análises sem a devida crítica conjuntural e certo determinismo tecnológico por conta do avanço das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) em detrimento da precarização do trabalho, incluído o cultural e o científico, alguns autores propõem momentos de unidade do pensamento que se identifica como permanecer crítico, casos da Economia Política da Comunicação e dos Estudos Culturais.

Para análise de dois destes casos, e antes de propormos um objeto de estudo em que cabe e é necessário utilizar o arcabouço teórico-metodológico dos EC e da EPC, apresentamos as possibilidades apontadas por dois importantes pesquisadores de cada um deles: Douglas Kellner⁶ César Bolaño.

6- Professor na Graduate School of Education and Information Studies da Universidade da Califórnia.

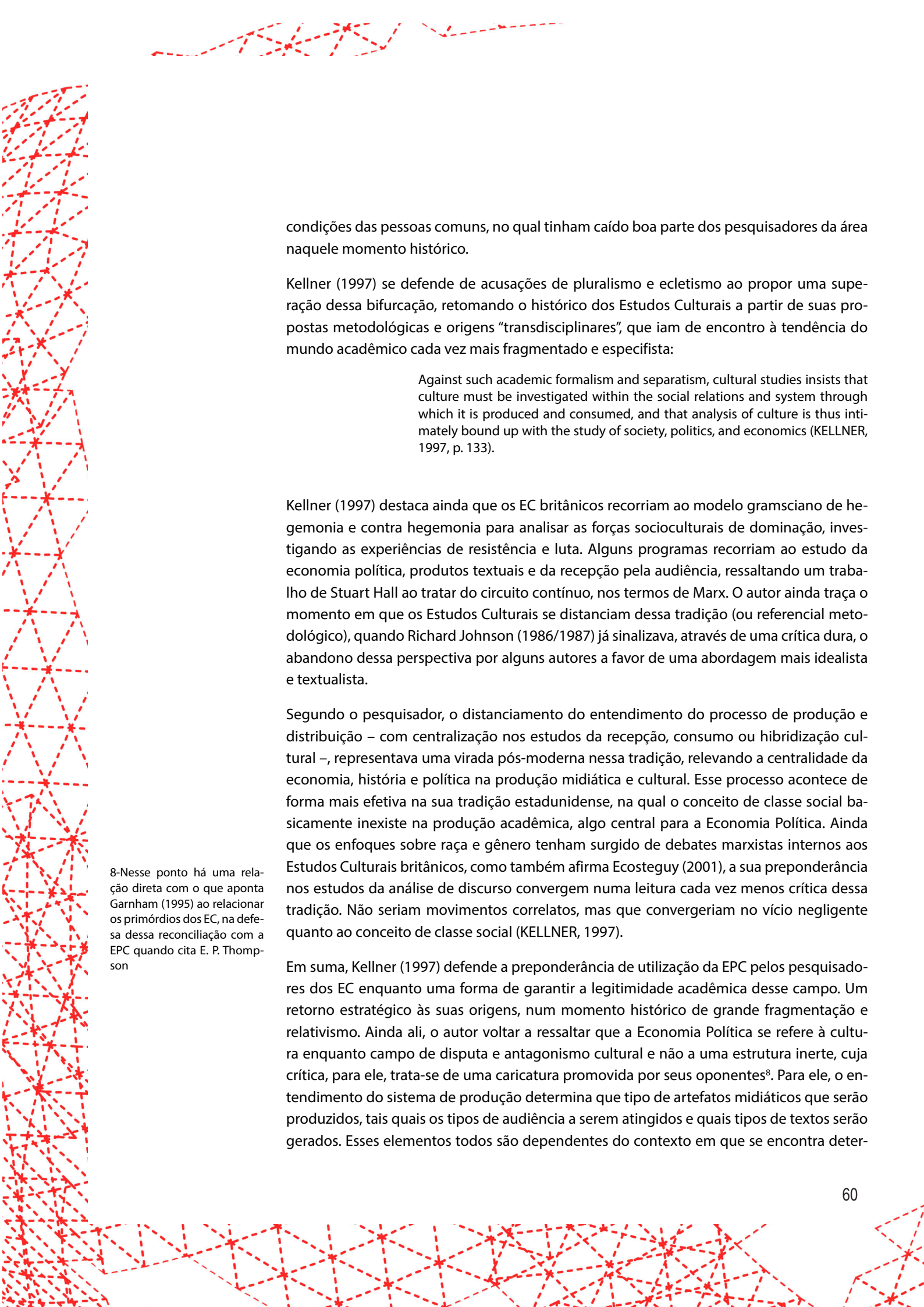
Proposta de reconciliação de Kellner

O estadunidense Douglas Kellner propõe uma superação da divisão. Autor conceituado dos Estudos Culturais, Kellner (1997) elabora um artigo crítico no interior do seu subcampo, reavaliando o trabalho feito até então e propondo uma nova abordagem, de forma a munir os EC de uma capacidade analítica maior. Dentre essas propostas está um reposicionamento maior deste enquanto um subcampo multiperspectivo, superando o unilateralismo presente à época.

7- No mesmo volume, um artigo de David Morley traz os mesmos tipos de preocupação levantados por Douglas Kellner com relação aos rumos de EC cada vez mais despolitizados e resumidos a uma etnografia modista e com inflexão pós-moderna. A proposição metodológica, no entanto, aponta para a adoção de uma combinação de sociologia materialista, realismo epistemológico e de um pragmatismo metodológico.

Para Kellner (1997, p. 102), “*the media studies are enhanced by drawing on both traditions*”, com isso ficando claro no título do artigo em questão: *Overcoming the Divide: Cultural Studies and Political Economy*⁷. O autor propõe que os EC se apoiem em três pilares: nos estudos da Economia Política da Comunicação, na análise textual e na pesquisa de recepção/audiência. Não obstante, a primeira nota do artigo aqui utilizado se refere exatamente ao debate entre Garnham (1995) e Grossberg (1995), sugerindo ser esse um debate fútil e que só servira para alongar uma falha ao reproduzir uma, já longa, animosidade entre as duas escolas (KELLNER, 1997).

O próprio Kellner (1997) destaca o trabalho de Jim McGuigan – outro autor relacionado aos EC estadunidenses – nesse sentido, no livro *Cultural Populism*, quando alega preocupação com um populismo acrítico e uma abordagem equivocada das mudanças históricas das



condições das pessoas comuns, no qual tinham caído boa parte dos pesquisadores da área naquele momento histórico.

Kellner (1997) se defende de acusações de pluralismo e ecletismo ao propor uma superação dessa bifurcação, retomando o histórico dos Estudos Culturais a partir de suas propostas metodológicas e origens “transdisciplinares”, que iam de encontro à tendência do mundo acadêmico cada vez mais fragmentado e especificista:

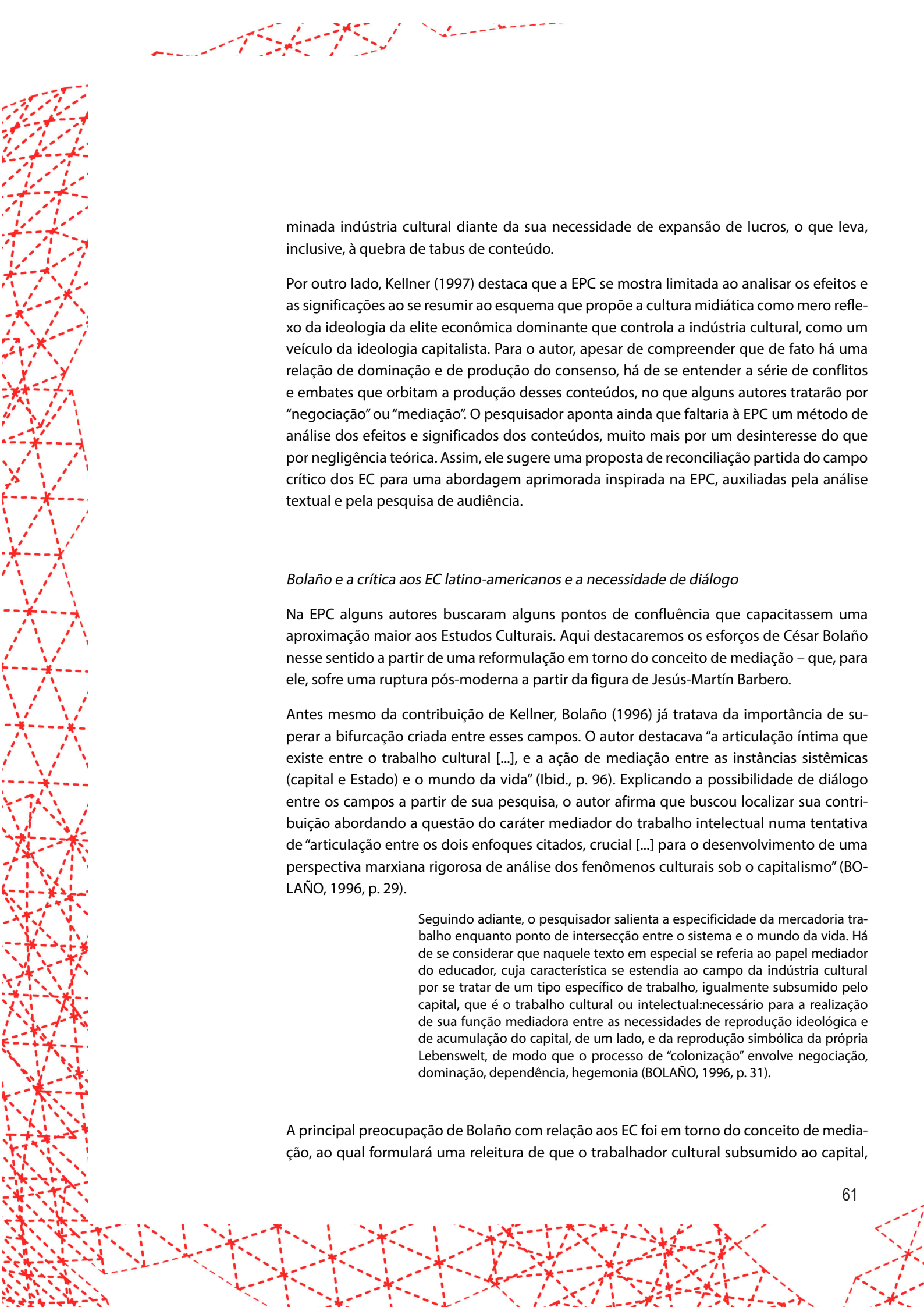
Against such academic formalism and separatism, cultural studies insists that culture must be investigated within the social relations and system through which it is produced and consumed, and that analysis of culture is thus intimately bound up with the study of society, politics, and economics (KELLNER, 1997, p. 133).

Kellner (1997) destaca ainda que os EC britânicos recorriam ao modelo gramsciano de hegemonia e contra hegemonia para analisar as forças socioculturais de dominação, investigando as experiências de resistência e luta. Alguns programas recorriam ao estudo da economia política, produtos textuais e da recepção pela audiência, ressaltando um trabalho de Stuart Hall ao tratar do circuito contínuo, nos termos de Marx. O autor ainda traça o momento em que os Estudos Culturais se distanciam dessa tradição (ou referencial metodológico), quando Richard Johnson (1986/1987) já sinalizava, através de uma crítica dura, o abandono dessa perspectiva por alguns autores a favor de uma abordagem mais idealista e textualista.

Segundo o pesquisador, o distanciamento do entendimento do processo de produção e distribuição – com centralização nos estudos da recepção, consumo ou hibridização cultural –, representava uma virada pós-moderna nessa tradição, relevando a centralidade da economia, história e política na produção midiática e cultural. Esse processo acontece de forma mais efetiva na sua tradição estadunidense, na qual o conceito de classe social basicamente inexistia na produção acadêmica, algo central para a Economia Política. Ainda que os enfoques sobre raça e gênero tenham surgido de debates marxistas internos aos Estudos Culturais britânicos, como também afirma Ecoteguy (2001), a sua preponderância nos estudos da análise de discurso convergem numa leitura cada vez menos crítica dessa tradição. Não seriam movimentos correlatos, mas que convergiriam no vício negligente quanto ao conceito de classe social (KELLNER, 1997).

Em suma, Kellner (1997) defende a preponderância de utilização da EPC pelos pesquisadores dos EC enquanto uma forma de garantir a legitimidade acadêmica desse campo. Um retorno estratégico às suas origens, num momento histórico de grande fragmentação e relativismo. Ainda ali, o autor volta a ressaltar que a Economia Política se refere à cultura enquanto campo de disputa e antagonismo cultural e não a uma estrutura inerte, cuja crítica, para ele, trata-se de uma caricatura promovida por seus oponentes⁸. Para ele, o entendimento do sistema de produção determina que tipo de artefatos midiáticos que serão produzidos, tais quais os tipos de audiência a serem atingidos e quais tipos de textos serão gerados. Esses elementos todos são dependentes do contexto em que se encontra deter-

8-Nesse ponto há uma relação direta com o que aponta Garnham (1995) ao relacionar os primórdios dos EC, na defesa dessa reconciliação com a EPC quando cita E. P. Thompson



minada indústria cultural diante da sua necessidade de expansão de lucros, o que leva, inclusive, à quebra de tabus de conteúdo.

Por outro lado, Kellner (1997) destaca que a EPC se mostra limitada ao analisar os efeitos e as significações ao se resumir ao esquema que propõe a cultura midiática como mero reflexo da ideologia da elite econômica dominante que controla a indústria cultural, como um veículo da ideologia capitalista. Para o autor, apesar de compreender que de fato há uma relação de dominação e de produção do consenso, há de se entender a série de conflitos e embates que orbitam a produção desses conteúdos, no que alguns autores tratarão por “negociação” ou “mediação”. O pesquisador aponta ainda que faltaria à EPC um método de análise dos efeitos e significados dos conteúdos, muito mais por um desinteresse do que por negligência teórica. Assim, ele sugere uma proposta de reconciliação partida do campo crítico dos EC para uma abordagem aprimorada inspirada na EPC, auxiliadas pela análise textual e pela pesquisa de audiência.

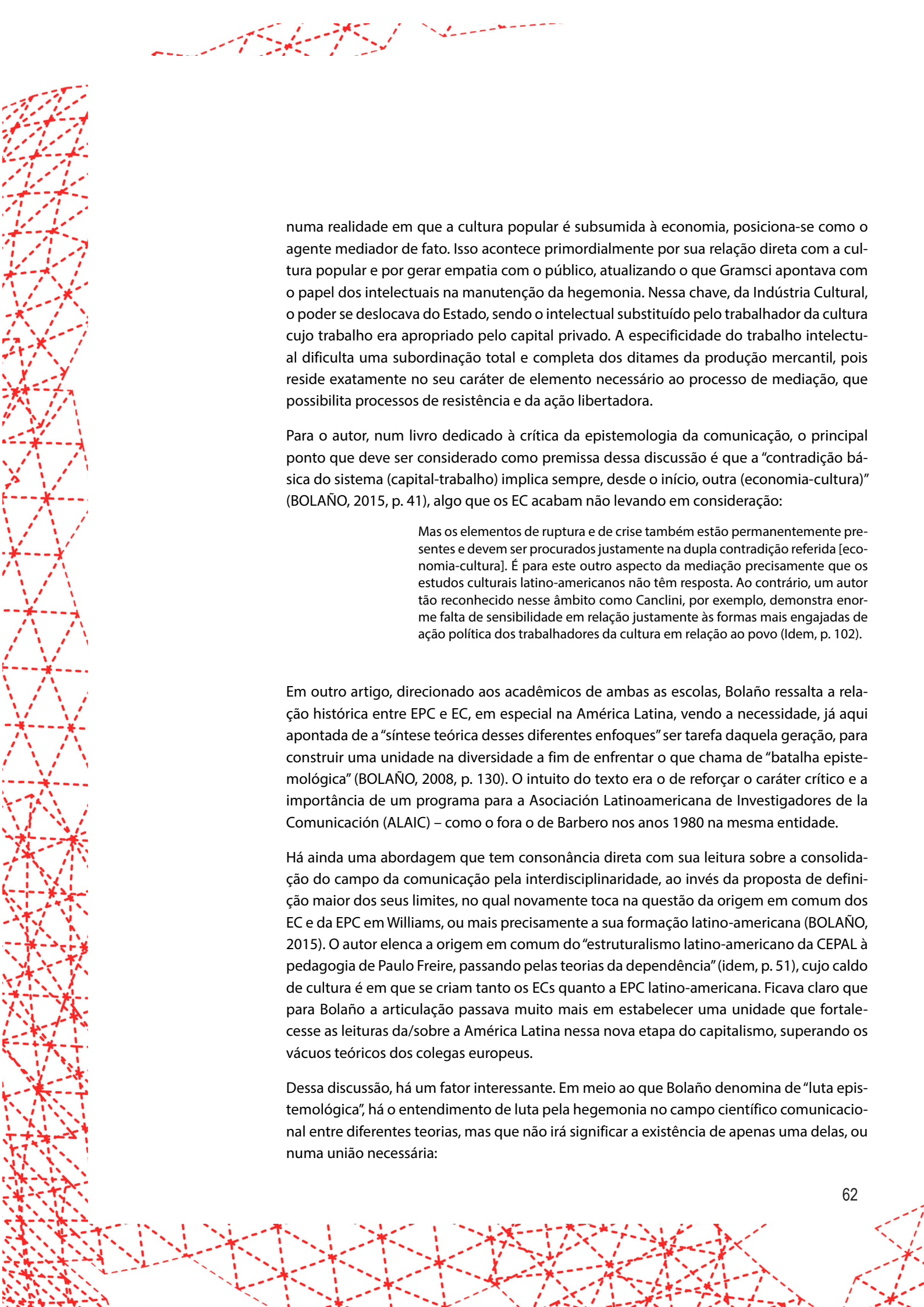
Bolaño e a crítica aos EC latino-americanos e a necessidade de diálogo

Na EPC alguns autores buscaram alguns pontos de confluência que capacitassem uma aproximação maior aos Estudos Culturais. Aqui destacaremos os esforços de César Bolaño nesse sentido a partir de uma reformulação em torno do conceito de mediação – que, para ele, sofre uma ruptura pós-moderna a partir da figura de Jesús-Martín Barbero.

Antes mesmo da contribuição de Kellner, Bolaño (1996) já tratava da importância de superar a bifurcação criada entre esses campos. O autor destacava “a articulação íntima que existe entre o trabalho cultural [...], e a ação de mediação entre as instâncias sistêmicas (capital e Estado) e o mundo da vida” (Ibid., p. 96). Explicando a possibilidade de diálogo entre os campos a partir de sua pesquisa, o autor afirma que buscou localizar sua contribuição abordando a questão do caráter mediador do trabalho intelectual numa tentativa de “articulação entre os dois enfoques citados, crucial [...] para o desenvolvimento de uma perspectiva marxiana rigorosa de análise dos fenômenos culturais sob o capitalismo” (BOLAÑO, 1996, p. 29).

Seguindo adiante, o pesquisador salienta a especificidade da mercadoria trabalho enquanto ponto de intersecção entre o sistema e o mundo da vida. Há de se considerar que naquele texto em especial se referia ao papel mediador do educador, cuja característica se estendia ao campo da indústria cultural por se tratar de um tipo específico de trabalho, igualmente subsumido pelo capital, que é o trabalho cultural ou intelectual: necessário para a realização de sua função mediadora entre as necessidades de reprodução ideológica e de acumulação do capital, de um lado, e da reprodução simbólica da própria *Lebenswelt*, de modo que o processo de “colonização” envolve negociação, dominação, dependência, hegemonia (BOLAÑO, 1996, p. 31).

A principal preocupação de Bolaño com relação aos EC foi em torno do conceito de mediação, ao qual formulará uma releitura de que o trabalhador cultural subsumido ao capital,



numa realidade em que a cultura popular é subsumida à economia, posiciona-se como o agente mediador de fato. Isso acontece primordialmente por sua relação direta com a cultura popular e por gerar empatia com o público, atualizando o que Gramsci apontava com o papel dos intelectuais na manutenção da hegemonia. Nessa chave, da Indústria Cultural, o poder se deslocava do Estado, sendo o intelectual substituído pelo trabalhador da cultura cujo trabalho era apropriado pelo capital privado. A especificidade do trabalho intelectual dificulta uma subordinação total e completa dos ditames da produção mercantil, pois reside exatamente no seu caráter de elemento necessário ao processo de mediação, que possibilita processos de resistência e de ação libertadora.

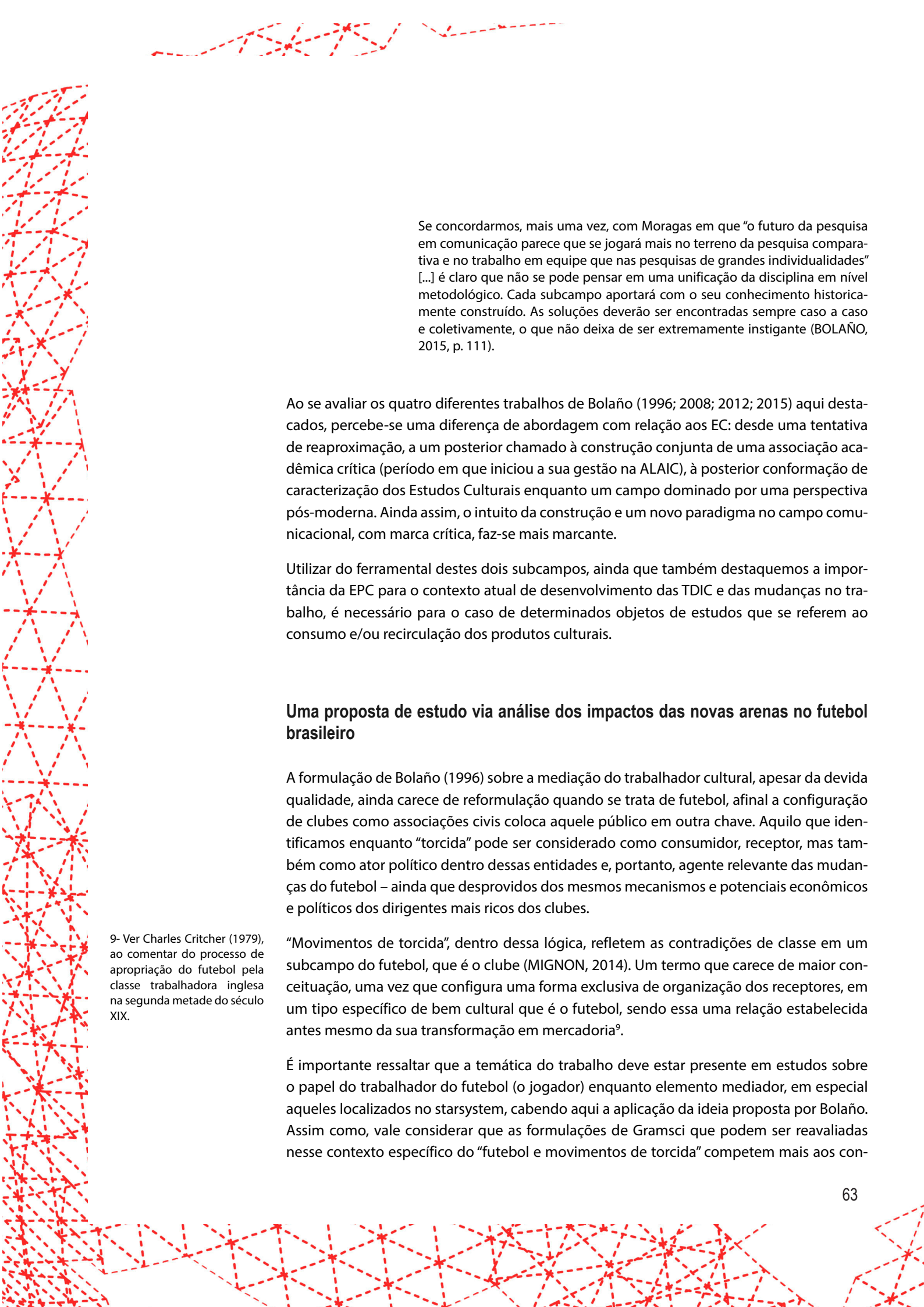
Para o autor, num livro dedicado à crítica da epistemologia da comunicação, o principal ponto que deve ser considerado como premissa dessa discussão é que a “contradição básica do sistema (capital-trabalho) implica sempre, desde o início, outra (economia-cultura)” (BOLAÑO, 2015, p. 41), algo que os EC acabam não levando em consideração:

Mas os elementos de ruptura e de crise também estão permanentemente presentes e devem ser procurados justamente na dupla contradição referida [economia-cultura]. É para este outro aspecto da mediação precisamente que os estudos culturais latino-americanos não têm resposta. Ao contrário, um autor tão reconhecido nesse âmbito como Canclini, por exemplo, demonstra enorme falta de sensibilidade em relação justamente às formas mais engajadas de ação política dos trabalhadores da cultura em relação ao povo (Idem, p. 102).

Em outro artigo, direcionado aos acadêmicos de ambas as escolas, Bolaño resalta a relação histórica entre EPC e EC, em especial na América Latina, vendo a necessidade, já aqui apontada de a “síntese teórica desses diferentes enfoques” ser tarefa daquela geração, para construir uma unidade na diversidade a fim de enfrentar o que chama de “batalha epistemológica” (BOLAÑO, 2008, p. 130). O intuito do texto era o de reforçar o caráter crítico e a importância de um programa para a Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIIC) – como o fora o de Barbero nos anos 1980 na mesma entidade.

Há ainda uma abordagem que tem consonância direta com sua leitura sobre a consolidação do campo da comunicação pela interdisciplinaridade, ao invés da proposta de definição maior dos seus limites, no qual novamente toca na questão da origem em comum dos EC e da EPC em Williams, ou mais precisamente a sua formação latino-americana (BOLAÑO, 2015). O autor elenca a origem em comum do “estruturalismo latino-americano da CEPAL à pedagogia de Paulo Freire, passando pelas teorias da dependência” (idem, p. 51), cujo caldo de cultura é em que se criam tanto os ECs quanto a EPC latino-americana. Ficava claro que para Bolaño a articulação passava muito mais em estabelecer uma unidade que fortalecesse as leituras da/sobre a América Latina nessa nova etapa do capitalismo, superando os vácuos teóricos dos colegas europeus.

Dessa discussão, há um fator interessante. Em meio ao que Bolaño denomina de “luta epistemológica”, há o entendimento de luta pela hegemonia no campo científico comunicacional entre diferentes teorias, mas que não irá significar a existência de apenas uma delas, ou numa união necessária:



Se concordarmos, mais uma vez, com Moragas em que “o futuro da pesquisa em comunicação parece que se jogará mais no terreno da pesquisa comparativa e no trabalho em equipe que nas pesquisas de grandes individualidades” [...] é claro que não se pode pensar em uma unificação da disciplina em nível metodológico. Cada subcampo aportará com o seu conhecimento historicamente construído. As soluções deverão ser encontradas sempre caso a caso e coletivamente, o que não deixa de ser extremamente instigante (BOLAÑO, 2015, p. 111).

Ao se avaliar os quatro diferentes trabalhos de Bolaño (1996; 2008; 2012; 2015) aqui destacados, percebe-se uma diferença de abordagem com relação aos EC: desde uma tentativa de reaproximação, a um posterior chamado à construção conjunta de uma associação acadêmica crítica (período em que iniciou a sua gestão na ALAIC), à posterior conformação de caracterização dos Estudos Culturais enquanto um campo dominado por uma perspectiva pós-moderna. Ainda assim, o intuito da construção e um novo paradigma no campo comunicacional, com marca crítica, faz-se mais marcante.

Utilizar do ferramental destes dois subcampos, ainda que também destaquemos a importância da EPC para o contexto atual de desenvolvimento das TDIC e das mudanças no trabalho, é necessário para o caso de determinados objetos de estudos que se referem ao consumo e/ou recirculação dos produtos culturais.

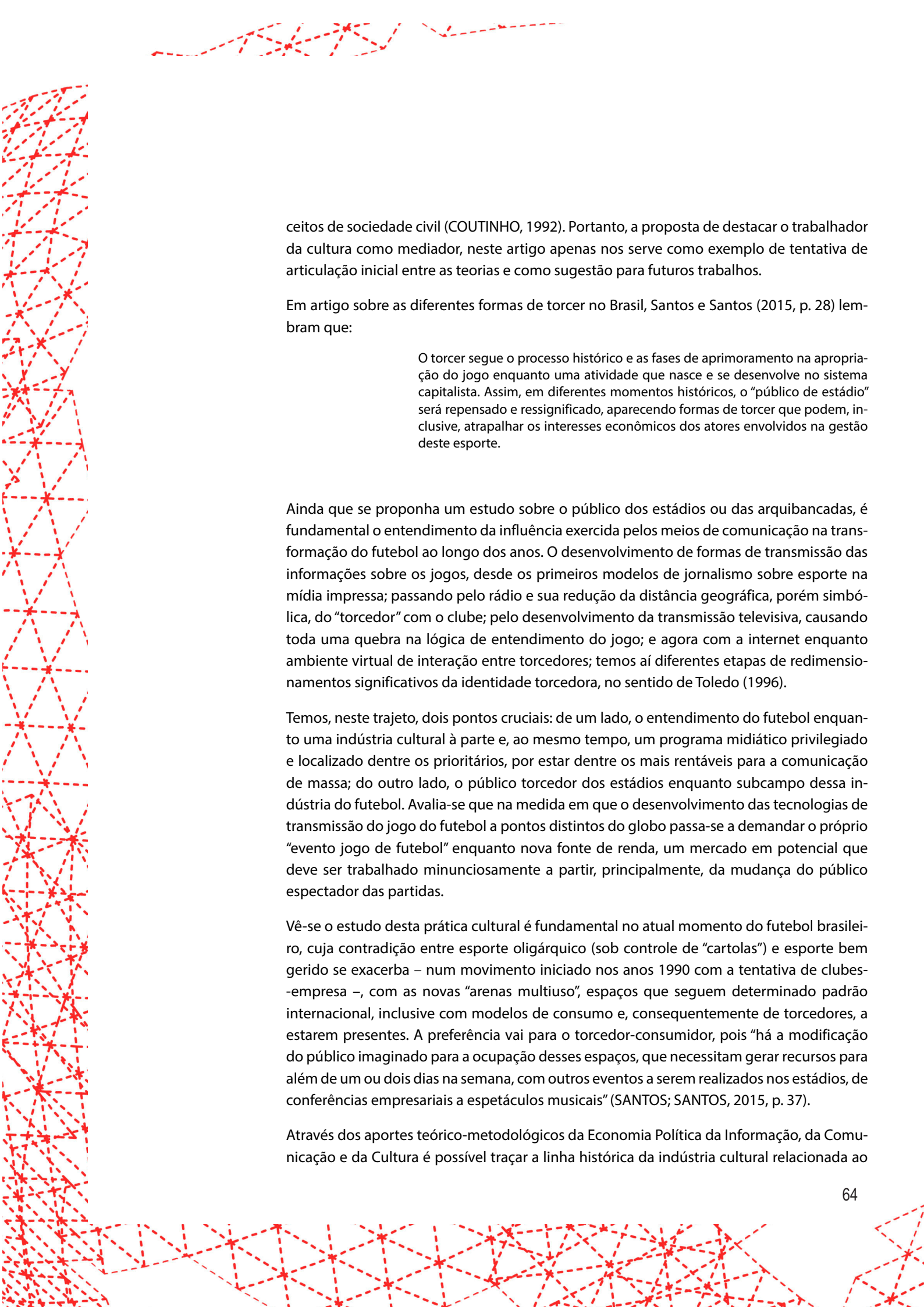
Uma proposta de estudo via análise dos impactos das novas arenas no futebol brasileiro

A formulação de Bolaño (1996) sobre a mediação do trabalhador cultural, apesar da devida qualidade, ainda carece de reformulação quando se trata de futebol, afinal a configuração de clubes como associações civis coloca aquele público em outra chave. Aquilo que identificamos enquanto “torcida” pode ser considerado como consumidor, receptor, mas também como ator político dentro dessas entidades e, portanto, agente relevante das mudanças do futebol – ainda que desprovidos dos mesmos mecanismos e potenciais econômicos e políticos dos dirigentes mais ricos dos clubes.

9- Ver Charles Critcher (1979), ao comentar do processo de apropriação do futebol pela classe trabalhadora inglesa na segunda metade do século XIX.

“Movimentos de torcida”, dentro dessa lógica, refletem as contradições de classe em um subcampo do futebol, que é o clube (MIGNON, 2014). Um termo que carece de maior conceituação, uma vez que configura uma forma exclusiva de organização dos receptores, em um tipo específico de bem cultural que é o futebol, sendo essa uma relação estabelecida antes mesmo da sua transformação em mercadoria⁹.

É importante ressaltar que a temática do trabalho deve estar presente em estudos sobre o papel do trabalhador do futebol (o jogador) enquanto elemento mediador, em especial aqueles localizados no starsystem, cabendo aqui a aplicação da ideia proposta por Bolaño. Assim como, vale considerar que as formulações de Gramsci que podem ser reavaliadas nesse contexto específico do “futebol e movimentos de torcida” competem mais aos con-



ceitos de sociedade civil (COUTINHO, 1992). Portanto, a proposta de destacar o trabalhador da cultura como mediador, neste artigo apenas nos serve como exemplo de tentativa de articulação inicial entre as teorias e como sugestão para futuros trabalhos.

Em artigo sobre as diferentes formas de torcer no Brasil, Santos e Santos (2015, p. 28) lembram que:

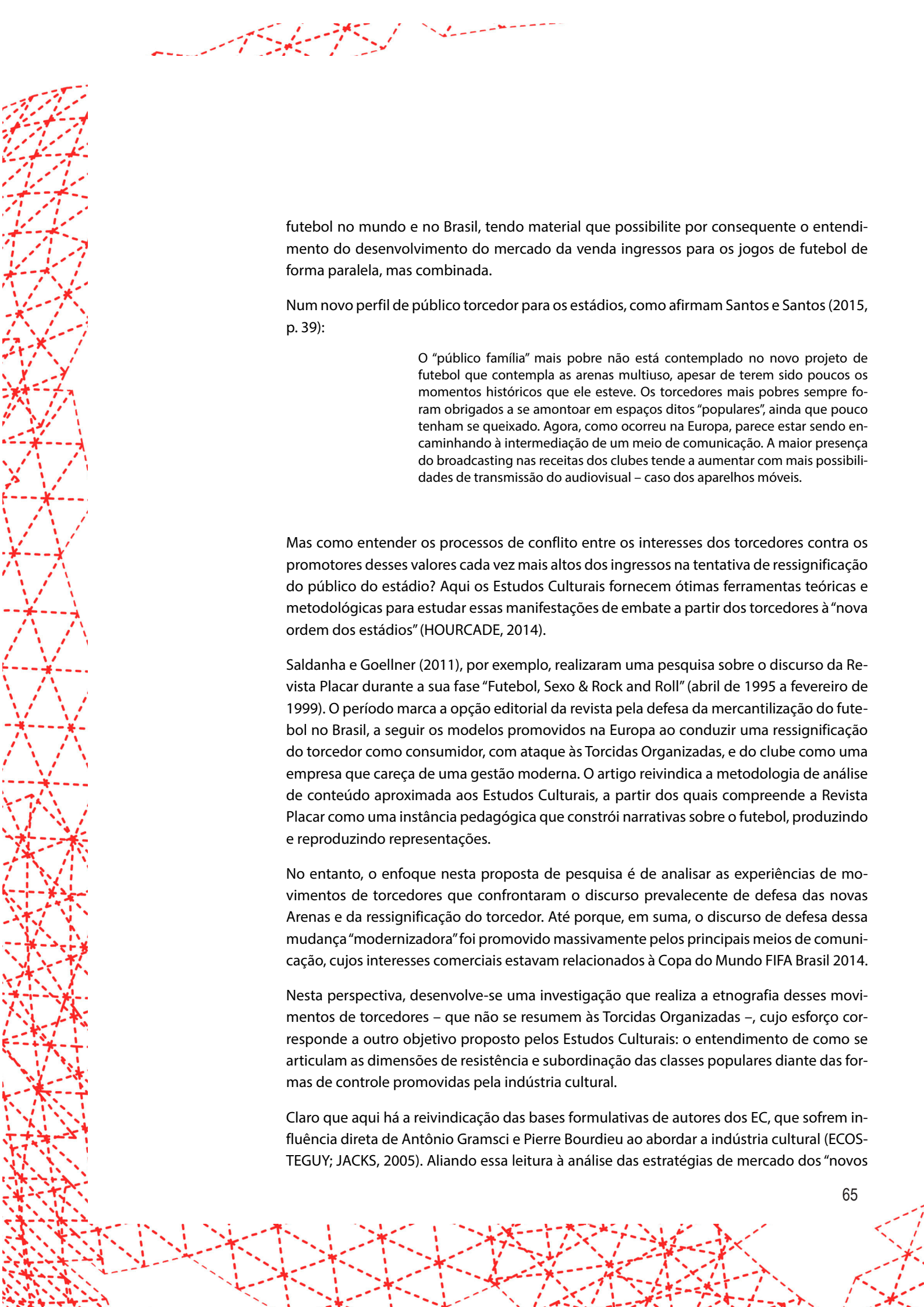
O torcer segue o processo histórico e as fases de aprimoramento na apropriação do jogo enquanto uma atividade que nasce e se desenvolve no sistema capitalista. Assim, em diferentes momentos históricos, o “público de estádio” será repensado e ressignificado, aparecendo formas de torcer que podem, inclusive, atrapalhar os interesses econômicos dos atores envolvidos na gestão deste esporte.

Ainda que se proponha um estudo sobre o público dos estádios ou das arquibancadas, é fundamental o entendimento da influência exercida pelos meios de comunicação na transformação do futebol ao longo dos anos. O desenvolvimento de formas de transmissão das informações sobre os jogos, desde os primeiros modelos de jornalismo sobre esporte na mídia impressa; passando pelo rádio e sua redução da distância geográfica, porém simbólica, do “torcedor” com o clube; pelo desenvolvimento da transmissão televisiva, causando toda uma quebra na lógica de entendimento do jogo; e agora com a internet enquanto ambiente virtual de interação entre torcedores; temos aí diferentes etapas de redimensionamentos significativos da identidade torcedora, no sentido de Toledo (1996).

Temos, neste trajeto, dois pontos cruciais: de um lado, o entendimento do futebol enquanto uma indústria cultural à parte e, ao mesmo tempo, um programa midiático privilegiado e localizado dentre os prioritários, por estar dentre os mais rentáveis para a comunicação de massa; do outro lado, o público torcedor dos estádios enquanto subcampo dessa indústria do futebol. Avalia-se que na medida em que o desenvolvimento das tecnologias de transmissão do jogo do futebol a pontos distintos do globo passa-se a demandar o próprio “evento jogo de futebol” enquanto nova fonte de renda, um mercado em potencial que deve ser trabalhado minuciosamente a partir, principalmente, da mudança do público espectador das partidas.

Vê-se o estudo desta prática cultural é fundamental no atual momento do futebol brasileiro, cuja contradição entre esporte oligárquico (sob controle de “cartolas”) e esporte bem gerido se exacerba – num movimento iniciado nos anos 1990 com a tentativa de clubes-empresa –, com as novas “arenas multiuso”, espaços que seguem determinado padrão internacional, inclusive com modelos de consumo e, conseqüentemente de torcedores, a estarem presentes. A preferência vai para o torcedor-consumidor, pois “há a modificação do público imaginado para a ocupação desses espaços, que necessitam gerar recursos para além de um ou dois dias na semana, com outros eventos a serem realizados nos estádios, de conferências empresariais a espetáculos musicais” (SANTOS; SANTOS, 2015, p. 37).

Através dos aportes teórico-metodológicos da Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura é possível traçar a linha histórica da indústria cultural relacionada ao



futebol no mundo e no Brasil, tendo material que possibilite por consequente o entendimento do desenvolvimento do mercado da venda ingressos para os jogos de futebol de forma paralela, mas combinada.

Num novo perfil de público torcedor para os estádios, como afirmam Santos e Santos (2015, p. 39):

O “público família” mais pobre não está contemplado no novo projeto de futebol que contempla as arenas multiuso, apesar de terem sido poucos os momentos históricos que ele esteve. Os torcedores mais pobres sempre foram obrigados a se amontoar em espaços ditos “populares”, ainda que pouco tenham se queixado. Agora, como ocorreu na Europa, parece estar sendo encaminhando à intermediação de um meio de comunicação. A maior presença do broadcasting nas receitas dos clubes tende a aumentar com mais possibilidades de transmissão do audiovisual – caso dos aparelhos móveis.

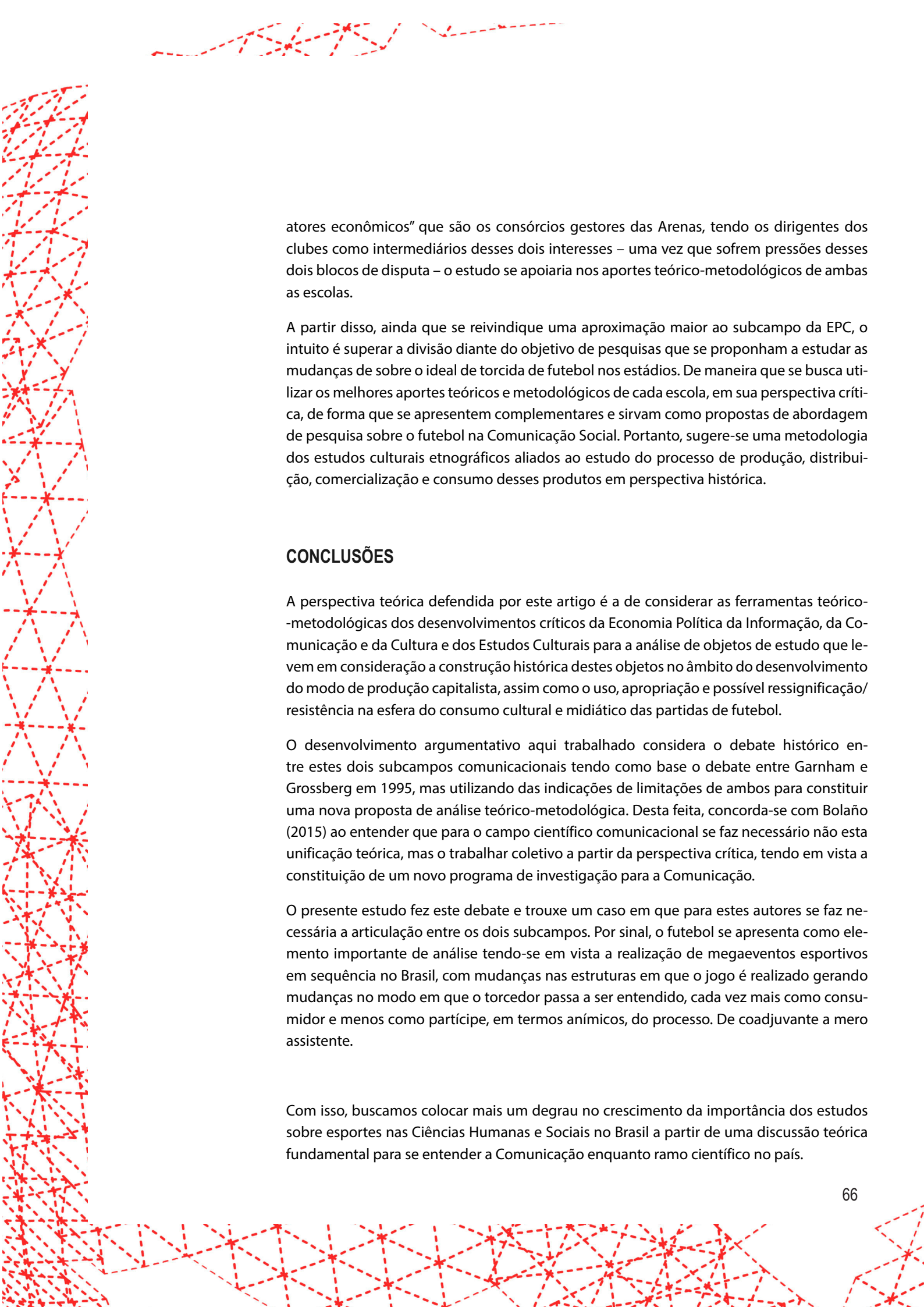
Mas como entender os processos de conflito entre os interesses dos torcedores contra os promotores desses valores cada vez mais altos dos ingressos na tentativa de ressignificação do público do estádio? Aqui os Estudos Culturais fornecem ótimas ferramentas teóricas e metodológicas para estudar essas manifestações de embate a partir dos torcedores à “nova ordem dos estádios” (HOURCADE, 2014).

Saldanha e Goellner (2011), por exemplo, realizaram uma pesquisa sobre o discurso da Revista Placar durante a sua fase “Futebol, Sexo & Rock and Roll” (abril de 1995 a fevereiro de 1999). O período marca a opção editorial da revista pela defesa da mercantilização do futebol no Brasil, a seguir os modelos promovidos na Europa ao conduzir uma ressignificação do torcedor como consumidor, com ataque às Torcidas Organizadas, e do clube como uma empresa que careça de uma gestão moderna. O artigo reivindica a metodologia de análise de conteúdo aproximada aos Estudos Culturais, a partir dos quais compreende a Revista Placar como uma instância pedagógica que constrói narrativas sobre o futebol, produzindo e reproduzindo representações.

No entanto, o enfoque nesta proposta de pesquisa é de analisar as experiências de movimentos de torcedores que confrontaram o discurso prevalecente de defesa das novas Arenas e da ressignificação do torcedor. Até porque, em suma, o discurso de defesa dessa mudança “modernizadora” foi promovido massivamente pelos principais meios de comunicação, cujos interesses comerciais estavam relacionados à Copa do Mundo FIFA Brasil 2014.

Nesta perspectiva, desenvolve-se uma investigação que realiza a etnografia desses movimentos de torcedores – que não se resumem às Torcidas Organizadas –, cujo esforço corresponde a outro objetivo proposto pelos Estudos Culturais: o entendimento de como se articulam as dimensões de resistência e subordinação das classes populares diante das formas de controle promovidas pela indústria cultural.

Claro que aqui há a reivindicação das bases formulativas de autores dos EC, que sofrem influência direta de Antônio Gramsci e Pierre Bourdieu ao abordar a indústria cultural (ECOS-TEGUY; JACKS, 2005). Aliando essa leitura à análise das estratégias de mercado dos “novos



atores econômicos” que são os consórcios gestores das Arenas, tendo os dirigentes dos clubes como intermediários desses dois interesses – uma vez que sofrem pressões desses dois blocos de disputa – o estudo se apoiaria nos aportes teórico-metodológicos de ambas as escolas.

A partir disso, ainda que se reivindique uma aproximação maior ao subcampo da EPC, o intuito é superar a divisão diante do objetivo de pesquisas que se proponham a estudar as mudanças de sobre o ideal de torcida de futebol nos estádios. De maneira que se busca utilizar os melhores aportes teóricos e metodológicos de cada escola, em sua perspectiva crítica, de forma que se apresentem complementares e sirvam como propostas de abordagem de pesquisa sobre o futebol na Comunicação Social. Portanto, sugere-se uma metodologia dos estudos culturais etnográficos aliados ao estudo do processo de produção, distribuição, comercialização e consumo desses produtos em perspectiva histórica.

CONCLUSÕES

A perspectiva teórica defendida por este artigo é a de considerar as ferramentas teórico-metodológicas dos desenvolvimentos críticos da Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura e dos Estudos Culturais para a análise de objetos de estudo que levem em consideração a construção histórica destes objetos no âmbito do desenvolvimento do modo de produção capitalista, assim como o uso, apropriação e possível ressignificação/resistência na esfera do consumo cultural e midiático das partidas de futebol.

O desenvolvimento argumentativo aqui trabalhado considera o debate histórico entre estes dois subcampos comunicacionais tendo como base o debate entre Garnham e Grossberg em 1995, mas utilizando das indicações de limitações de ambos para constituir uma nova proposta de análise teórico-metodológica. Desta feita, concorda-se com Bolaño (2015) ao entender que para o campo científico comunicacional se faz necessário não esta unificação teórica, mas o trabalhar coletivo a partir da perspectiva crítica, tendo em vista a constituição de um novo programa de investigação para a Comunicação.

O presente estudo fez este debate e trouxe um caso em que para estes autores se faz necessária a articulação entre os dois subcampos. Por sinal, o futebol se apresenta como elemento importante de análise tendo-se em vista a realização de megaeventos esportivos em sequência no Brasil, com mudanças nas estruturas em que o jogo é realizado gerando mudanças no modo em que o torcedor passa a ser entendido, cada vez mais como consumidor e menos como partícipe, em termos anímicos, do processo. De coadjuvante a mero assistente.

Com isso, buscamos colocar mais um degrau no crescimento da importância dos estudos sobre esportes nas Ciências Humanas e Sociais no Brasil a partir de uma discussão teórica fundamental para se entender a Comunicação enquanto ramo científico no país.

REFERÊNCIAS

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. A Dimensão Crítica da EPC e sua luta epistemológica: entrevista. [jul. 2014]. Entrevistador: Alain Herscovici. **Revista Eptic Online**, Aracaju, v.16, n.3, p.80-83, set.-dez 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/80>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

_____. **Campo aberto**: para a crítica da epistemologia da comunicação. Aracaju: Edise, 2015.

_____. Um comentário sobre mediação e tecnologia. **Revista Educar**, Aracaju, n. 2, p. 27-32, dez. 1996.

_____. Pensamento crítico em Comunicação na América Latina e o papel da ALAIC em nível mundial. **Revista Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación**, São Paulo, v. 6, n. 8-9, p. 126-131, jan. -dez. 2008. Disponível em: <<http://www.alaic.net/revistaa-alaic/index.php/alaic/article/viewFile/62/60>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

CRITCHER, Charles. **Football Since The War**: a study in social change and popular culture. Londres: Hutchinson, 1979.

ECOSTEGUY, Ana Carolina D. Os Estudos Culturais. In HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Org.). **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p.151-170.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; JACKS, Nilda. **Comunicação e Recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

GARNHAM, Nicholas. Political economy and cultural studies: Reconciliation or divorce? Critical Studies in **Mass Communication**, Washington, v. 12, n. 1, p. 62-71, 1995. Disponível em: <https://is.muni.cz/el/1421/podzim2008/MVKK_07/um/6_C3_Garnham__1995__Political_economy_and_cultural_studies.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2015.

GROSSBERG, Lawrence. Cultural studies vs. political economy: Is anybody else bored with this debate? Critical Studies in **Mass Communication**, Washington, v. 12, n. 1, p. 72-81, 1995. Disponível em: <<http://www.julietdavis.com/COM443/articles/Is%20Anyone%20Else%20Bored%20%E2%80%93%20Lawrence%20Grossberg.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

HOURCADE, Nicolas. Torcedores radicais e transformação dos estádios na França. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos (Org.). **Hooliga-**

nismo e Copa de 2014. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004. p. 121-144.

KELLNER, Douglas. Overcoming the Divide: Cultural studies and political economy. In: FERGUNSON, Marjorie; GOLDING, Peter (Orgs.), **Cultural studies in question**. London: SAGE Publications Ltd. p. 102-121.

MIGNON, Patrick . A emergência de uma questão: a torcida na França (1985-1998). In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos (org.). **Hooliganismo e Copa de 2014**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004. p. 91-113.

SALDANHA, Renato Machado; GOELLNER, Silvana Vilodre. Futebol, sexo e rock and roll: o futebol moderno na Revista Placar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 281-296, abr. - jun. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbce/v35n2/a03v35n2.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

SANTOS, Anderson David Gomes dos; SANTOS, Irlan Simões da Cruz. História do espectador dos jogos de futebol no Brasil: da elitização amadora às novas formas de exclusão das Arenas Multiuso. In: SANTOS, Verlane Aragão; MOTA, Joanne Santos; MARTINS, Bruna Távora de Sousa (Org.). **XIII Seminário OBSCOM/CEPOS e I Fórum Regional ALAIC Cone Sul: Compilação de trabalhos apresentados**. São Cristóvão; São Paulo: OBSCOM/CEPOS/ALAIC, 2015. p. 28-41.